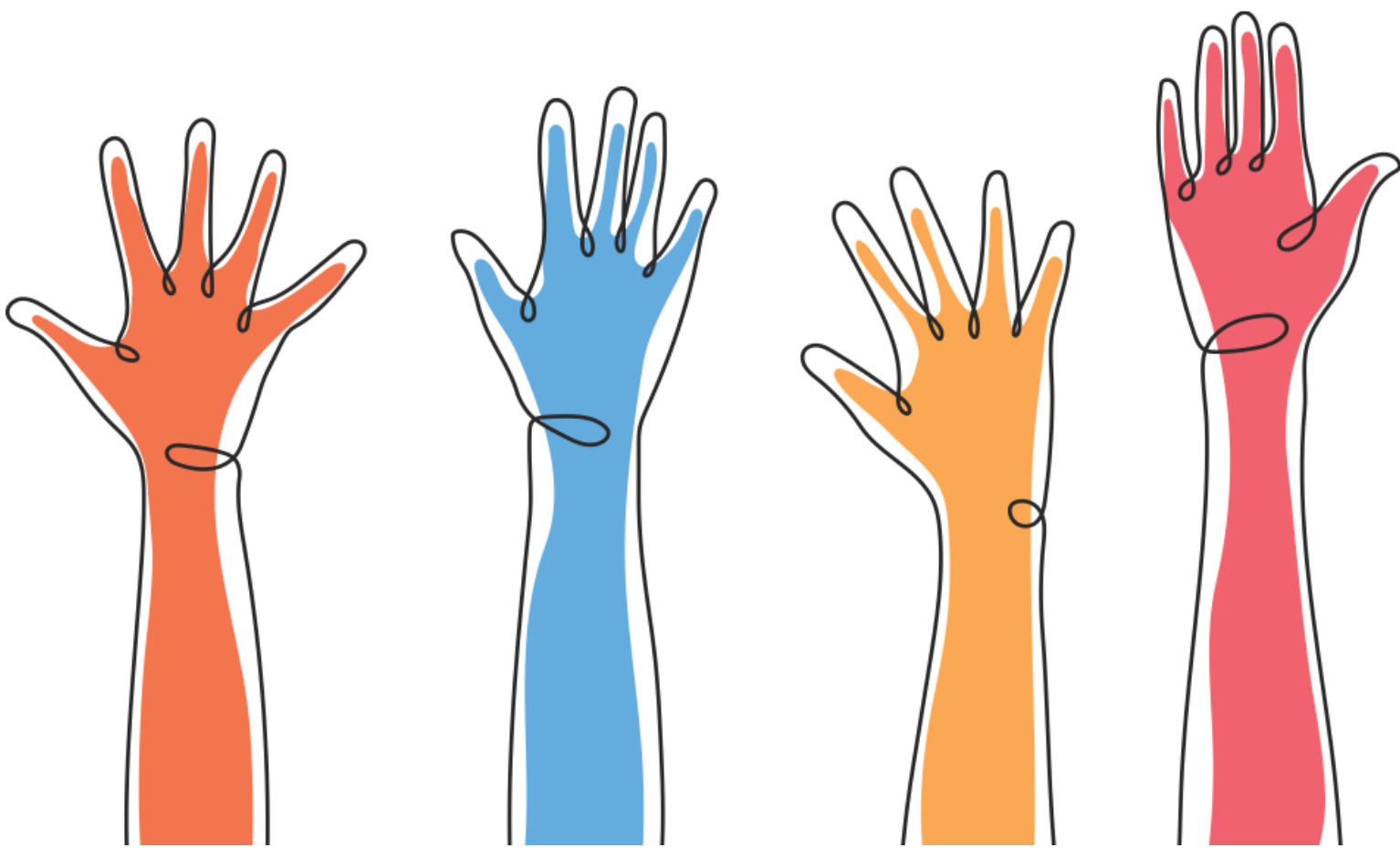




*Atuante como sempre,
necessária como nunca*

Oficinas Didáticas Interdisciplinares

PROPOSIÇÕES DO PIBID
HISTÓRIA E SOCIOLOGIA
UNB 2020-2022





Conselho Editorial

Membros internos:

Prof. Dr. André Cabral Honor (HIS/UnB) - Presidente

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Prof^a Dr^a Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Prof^a Dr^a Ruth Elias de Paula Laranja (GEA/UnB)

Membros externos:

Prof^a Dr^a Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro (UFSC)

Prof^a Dr^a Marine Pereira (UFABC)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Membro internacionais:

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide - Espanha);

Prof^a Dr^a Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Prof^a Dr^a Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex - Reino Unido)



*Atuante como sempre,
necessária como nunca*

Organizado por

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima.

Título

Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia
UnB 2020-2022

Autores(as)

Marcelo Cigales, Cristiane Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida, Paulo Stumpf, Alice Rocha Santana, Alexandre Bruno Barzani Santos, Beatriz Amorim de Barros, Beatriz de Oliveira Andrade, Celine Batista, Gabriel Antonio da Silva Ribeiro, Gabriela Rabelo, Gabrielle Pereira da Conceição, Guilherme da Luz, Guilherme Henrique Cruz Quevedo, Isabella Cristina Barbosa Ramos, Júlia Duarte Pires de Mendonça, Laísa Fernanda Alves da Silva, Lauanny Kassya de Gois Aguiar, Luiza Letícia Mendes de Alcântara, Nathalia Luiza Alves Silva, Nathália Sofia Araújo Soares, Pedro Sampaio, Ricardo Daniel Lucas Monteiro de Sousa, Thaiane Miranda.

Parecerista

Marcelo Pinheiro Cigales, Cristiane de Assis Portela, Bibiana Soyaux de Almeida Rosa, Gabriela Almeida de Lima, Paulo Stumpf

Editoração e revisão

Marcelo Pinheiro Cigales e Bibiana Soyaux de Almeida Rosa

Capa [arte gráfica]

Caê Penna

Publicação

Selo Editorial Caliandra

Editora

Biblioteca Central da Universidade de Brasília



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Referência

CIGALES, Marcelo Pinheiro et al. (org.). Oficinas didáticas interdisciplinares: proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022. Brasília: Universidade de Brasília, 2022. 149 p., il.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

032 Oficinas didáticas interdisciplinares [recurso eletrônico] : proposições do Pibid História e Sociologia UnB 2020-2022 / organizadores: Marcelo Pinheiro Cigales ... [et al.]. - Brasília : Universidade de Brasília, 2022. 149 p. : il.

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br>>.
ISBN 978-65-86503-92-0.

1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). 2. Universidade de Brasília. 3. História. 4. Sociologia. I. Cigales, Marcelo Pinheiro (org.).

CDU 378.147

Índice

1. Apresentação	6
2. Oficinas Artivismo	8
2.1 Carta aos/às professores(as)	10
2.2 Oficina 01 - Violência e Racismo	12
2.3 Oficina 02 - Fato x Fake	17
2.4 Oficina 03 - Teatro do Oprimido	21
2.5 Atividade: Análise de Rap	26
2.6 Atividade: Construindo uma narrativa	28
2.7 Atividade: Pesquisa de Campo	31
2.8 Atividade: Arte + Ativismo = Artivismo	34
3. Oficina Cine Clube Lado B	35
3.1 Carta aos/às professores(as)	38
3.2 Por que Lado B: o direito à memória	46
3.2.1 Duque de Caxias	49
3.2.2 Revolta da Balaiada	51
3.2.3 Manuel Balaio	52
3.3 Atividades mobilizadoras	55
3.3.1 Memória e espaço público	56
3.3.2 Povos originários e estereótipos	65
3.4 Cine Clube	71
3.4.1 História de amor e fúria	72
3.4.2 Branco sai, preto fica	75
3.4.3 A última floresta	80

4. Oficinas Rasurando Narrativas	88
4.1 Carta aos/às professores(as)	90
4.2 Por que rasurar narrativas?	93
4.3 A construção da capital	96
4.3.1 A história oficial	98
4.3.2 Mulheres na construção	102
4.3.3 Pra lá do canteiro de obras	106
4.4. DF e as regiões administrativas	110
5. Oficinas Além dos muros	117
5.1 Carta aos/às professores(as)	119
5.2 Orientações sobre o PAS para os estudantes	122
5.3 Oficina 01 - Direitos Humanos	125
5.3.1 O povo brasileiro: matriz Tupí	126
5.3.2 O risco da história única	127
5.4 Oficina 02 - Raça e racismo	128
5.4.1 A rota do escravo: a alma da resistência	129
5.4.2 Atlântico negro: na rota dos Orixás	131
5.4.3 Entrevista com Maria Teresa, ex-escrava	133
5.5 Oficina 03 - Gênero	135
5.5.1 <i>La mujer sin miedo</i>	136
5.5.2 Suzana e os anciãos	138
5.6. Resolução de questões	139

Apresentação

Este material pedagógico foi produzido pelos(as) estudantes da licenciatura em História e Ciências Sociais, bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília (UnB) na edição 2020-2022. Trata-se de um material organizado colaborativamente entre licenciados(as) pibidianos(as), professores(as) supervisores(as) da Educação Básica e professores(as) coordenadores(as) da UnB.

Com a publicação gratuita deste material pedagógico, resultado de 18 meses de trabalho coletivo e colaborativo, queremos registrar que para a profissionalização da formação docente no Brasil urge a ampliação, fortalecimento e valorização do Pibid, que demonstra ser uma política efetiva para a permanência dos estudantes de licenciatura nos cursos de graduação. Trata-se de uma política pública que cria espaços de inserção na pesquisa, extensão e atuação docente desses estudantes, aproximando-os da realidade escolar em que atuarão enquanto professores-pesquisadores comprometidos com uma educação de qualidade, justa e solidária.

A publicação deste material pedagógico em formato de oficinas reflete, ao menos duas questões que estruturaram o subprojeto interdisciplinar entre as licenciaturas de História e de Sociologia da UnB nessa edição. A primeira é referente a interdisciplinaridade entre duas licenciaturas da área de humanidades. Como registro desse trabalho colaborativo, destacamos que a integração entre os componentes disciplinares ocorreu por meio de trabalhos e debates a partir de eixos temáticos, uma vez que a proposta do projeto foi utilizar a pesquisa como pressuposto de ensino, questão já presente nos debates teóricos e pedagógicos de ambas as áreas. A segunda questão faz alusão a criação de grupos (também chamados de clubes) que se dividiram de forma a reunir integrantes de ambas as áreas para discutir e exercitar pedagogicamente os quatro eixos propostos pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a partir da forma em que foram recontextualizados pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal para o Ensino Médio, publicado em 2020.

Assim, os(as) pibidianos(as) foram estimulados a elaborar oficinas pedagógicas ao redor dos eixos de: a) "Investigação Científica", que se transformou na Oficina "Artivismo"; b) "Processos Criativos", que deu origem à Oficina intitulada "Cineclube Lado B"; c) "Mediação e Intervenção Sociocultural", que se materializou na Oficina intitulada "Rasurando Narrativas", e; d) "Empreendedorismo", a partir do qual foi proposta a Oficina "Além dos Muros".

Nossa intenção ao produzir este material foi indicar elementos para problematizar o currículo prescrito, de forma crítica e criativa, estimulando, por um lado, a formação dos e das licenciandos(as) em História e Sociologia e, por outro, possibilitando um diálogo com os(as) professores(as) da Educação Básica, para quem o material é endereçado. Para convidar ao compartilhamento das experiências, na abertura de cada oficina há uma "Carta aos/às professores(as)" na qual se explica o objetivo, a metodologia e o que se espera com o desenvolvimento de cada oficina. Além disso, utilizamos este espaço para compartilhar as experiências docentes e discentes do Pibid no decorrer da pandemia, de forma a ilustrar as possibilidades e os possíveis desafios de aplicação das oficinas naquele contexto.

Desejamos que a publicação e publicização deste material seja recepcionada pelos professores(as) como um material a ser utilizado, criticado e apropriado em sala de aula pela comunidade docente. Não se trata de uma receita, mas de um exercício intelectual-pedagógico de pensar a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas nas escolas.

Por fim, cabe deixar registrado que com a socialização deste material cumprimos uma parte muito relevante do Pibid, que é retornar à sociedade e, neste caso, de forma propositiva para a comunidade escolar, os resultados do investimento da política pública educacional. O material também é um registro histórico do trabalho coletivo durante a pandemia de Covid-19, que nos forçou ao trabalho remoto, assim como um "grito" de resistência aos ataques a educação pública proferido pelos Ministros na gestão Bolsonaro.

Viva o Pibid, viva a Universidade Pública, gratuita, democrática e de qualidade!

Brasília, setembro de 2022.

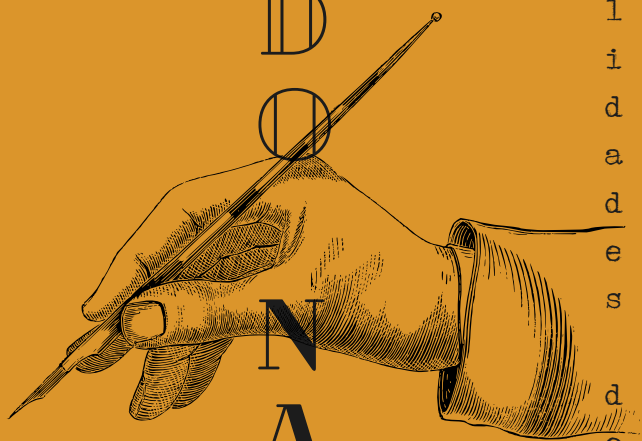
Os/As organizadores/as



EM MEMÓRIA DE

**Galdino Jesus dos Santos (1952-1997),
liderança indígena pataxó-hã-hã-hãe.**

R
A
S
U
R
A
N
D
O
N
A
R
R
A
T
I
V
A
S



O
u
t
r
a
s
P
o
s
s
i
b
i
l
i
d
a
d
e
s
d
e
c
o
n
t
a
r
h
i
s
t
ó
r
i
a
s



FICHA TÉCNICA

Coordenação:

Cristiane de Assis Portela
Marcelo Cigales

Supervisão:

Gabriela Almeida

Criação de Conteúdo:

Alexandre Bruno Barzani Santos
Beatriz de Oliveira Andrade
Celine Maria do Nascimento
Gabriela Gomes Rabelo
Guilherme Fernandes da Luz

Edição e diagramação:

Beatriz de Oliveira Andrade
Guilherme Fernandes da Luz

O material foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência da Universidade de Brasília, edital 2020-2022, com recursos provenientes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Contato: beatrizoliver.andrade@gmail.com

Todos os direitos reservados.

Brasília - DF, 2022.

CARTA AOS/ÀS PROFESSORES(AS)

O material didático a seguir é ofertado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade de Brasília, norteadada pelo eixo da Mediação e Intervenção Sociocultural, proposto para o ensino médio na Base Nacional Comum Curricular, e elaborado pelo clube Rasurando Narrativas, composto por estudantes, futuros professores e professoras, com o intuito de ser um recurso pedagógico auxiliar e inspirador de práticas docentes críticas e criativas.

A atividade refere-se centralmente à história do Distrito Federal, melhor dizendo, às histórias do DF, no plural, com o intuito de provocar a reflexão sobre a centralidade de determinados personagens e cenários nessa história.

Visando rasurar (razão do nome da equipe) e romper com as perspectivas majoritariamente difundidas sobre essa temática, selecionamos conjuntos documentais que permitirão reconhecer outros sujeitos e contextos da história desse território, revisando criticamente a história da construção, bem como inspirando trabalhos com as histórias de cada localidade do DF, a partir do exemplo do Recanto das Emas.

O material foi dividido em duas partes, a primeira sobre a construção de Brasília e a segunda sobre a história do Recanto. A primeira parte é composta por quatro elementos: um caso inicial, que apresenta o contexto geral da construção da capital, seguido de três conjuntos de fontes que visam precisar o que entendemos como narrativa hegemônica e apresentar indícios existentes de outras narrativas do evento da construção, atribuindo destaque a outros personagens, como as mulheres, e outros cenários, como a Cidade Livre e a Vila do IAPI.

A ideia é que a leitura do caso inicial seja feita coletivamente por toda a turma que em seguida se dividirá em grupos para análise pormenorizada de cada um dos conjuntos de fontes, um arranjo por grupo.

Ao final, esperamos que seja possível o retorno para a discussão coletiva, apresentando as interpretações elaboradas e possibilitando a compreensão da pluralidade de narrativas históricas envolvidas, contradizendo a perspectiva de uma história única. Reconhecemos ainda que muitos outros usos do material sejam possíveis, estando este à disposição dos/das docentes que o utilizarem.

A segunda parte tem o intuito de servir como fonte de inspiração para o desenvolvimento de narrativas sobre as mais diferente Regiões Administrativas do DF, a partir de fontes históricas que nos dão notícias da ocupação e vivência dessa localidade antes dos marcos legais, bem como de dados que nos permitam refletir sociologicamente acerca da composição dessa população, dando ênfase também à investigação pessoal das/dos estudantes junto à comunidade local, com intuito de reconhecer a importância da memória local para a elaboração de narrativas contra hegemônicas.

O presente exercício ambiciona contribuir para a tarefa principal dos estudantes na sala de aula, o pensar cientificamente. O trabalho intelectual, que pode ser realizado com a obra em questão, tem o potencial de provocar o entendimento da história enquanto uma pluralidade de vivências e possibilidades contextuais, não restrita aos livros didáticos ou à memorização de datas e acontecimentos.

Por fim, esperamos que a investigação sobre esses outros aspectos da história do Distrito Federal provoque nos/nas estudantes a autopercepção enquanto sujeitos da história, pessoas que a vivem subjetivamente e a constroem coletivamente.

POR QUE RASURAR NARRATIVAS?

Uma capital sonhada desde os tempos do império, a ser plantada no coração do território brasileiro como símbolo da integração nacional, de onde se irradia todo o progresso para os longínquos cantos do país. Sonho posto em prática pelo corajoso presidente, anos depois, Juscelino Kubitschek que aliado de outros homens corajosos - Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão - topou a missão de desbravar e colonizar as terras vazias do planalto central e edificar aí a nova capital brasileira.

Essa é provavelmente a versão mais conhecida da história de Brasília, corrente no senso comum. Não por acaso, tal narrativa se constitui enquanto narrativa hegemônica dessa história, amplamente difundida ao longo do tempo e patrocinada principalmente durante a construção pelo governo.

No entanto, tal narrativa produziu o apagamento de outros sujeitos e cenários que compõem a história do DF, reduzindo a história deste território à construção de Brasília, vivenciada por seus personagens masculinos mais famosos.

O grupo Rasurando Narrativas surge da oposição aos apagamentos e generalizações produzidos pela narrativa histórica hegemônica sobre o DF. A fim de encorajar rasuras nessa narrativa hegemônica, propomos a análise crítica, pelos/pelas estudantes, de diversos registos temporais sobre a história do DF, evidenciando suas histórias locais, engajando os/as estudantes a apresentar suas próprias narrativas, a partir de relatos próximos e fontes locais. Ao mesmo tempo, busca-se validar as múltiplas memórias e sujeitos envolvidos nesse período, frequentemente silenciados “por um panteão de heróis estritamente masculinos de classes econômicas superiores” (PORTELA, 2020, p. 17).

O processo de rememoração, segundo Walter Benjamin (1994 [1940]), é o único modo de alcançarmos uma narrativa justa ao que foi vivenciado pelas classes sociais subordinadas e de verificar o que não se encontra nos registros dominantes, por ter sido confiscado pela história oficial. O meio de se realizar tal prática é a de uma escuta sensível e aberta às diversas fontes documentais, tal como os relatos orais, não querendo torná-las monumentos ou desfiles cívicos, mas sim validações de uma parte da História tida como inenarrável e impraticável.

Com esse objetivo é que encorajamos a realização de entrevistas pelas/pelos estudantes em suas localidades, como uma forma de se aproximar, através da história oral, das muitas histórias que compõem cada localidade.

O material didático a seguir possui justamente o objetivo de praticar o exercício de rememoração do passado desse período, apresentando cenários, contextos sociais e sujeitos distantes da narrativa da construção de Brasília como realização nacional de um panteão de heróis, almeja-se rasurar e obliquar essa visão, para assim evidenciar as Histórias de Outras Brasília, próximas e cotidianas, concebidas naquele tempo e ainda presentes contemporaneamente.

A CONSTRUÇÃO DA CAPITAL



O CASO INICIAL

APRESENTAÇÃO DO CASO

A República do Brasil já mudou de lugar algumas vezes ao longo do tempo. Primeiramente, a capital foi sediada em Salvador, Bahia, de 1549 até 1763, quando então foi removida para a cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1960.

Desde os tempos do império do Brasil se estudava a transferência da capital do Rio de Janeiro para o interior do País. No entanto, a capital só foi removida em 1960, durante o governo de Juscelino Kubitschek (JK), para a região Centro-Oeste, onde foi construída uma nova cidade: Brasília.

Essa é uma história já muito conhecida, assim como seus personagens: Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Bernardo Sayão, entre outros.

Porém, muitas outras histórias se podem contar sobre a construção de Brasília, muitos personagens fizeram parte dessa história e será missão de vocês investigar mais afundo para encontrá-los!

Para começar, indicamos um pequeno vídeo para conhecer mais sobre o início da construção: <https://youtu.be/xnXQQeU5nlk>

ATIVIDADE I

Após assistir ao vídeo responda as seguintes questões em seu caderno

- 1- Quais personagens aparecem nessa história?
- 2- Quais cenários são apresentados?
- 3 - Como a nova cidade é apresentada?

EQUIPE 1

A HISTÓRIA OFICIAL

PISTA 1:

**TRECHOS DO DISCURSO DE JK NA
INAUGURAÇÃO DA CIDADE**

NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, 20 DE ABRIL DE 1960...

"Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da epopéia da construção de Brasília, recebo, profundamente emocionado, a chave simbólica da cidade filha do nosso esforço, da nossa crença, de nosso amor a este País. Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros. Falei em epopéia, e retomo a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida, uma época, isto é, "o lugar do céu em que um astro atinge o seu apogeu". Chegamos hoje, realmente, ao ponto alto da nossa obra. Criando-a, oferecemos ao mundo uma prova do muito que somos capazes de realizar e a nós próprios nos damos uma extraordinária demonstração de energia, e mais conscientes nos tornamos das nossas possibilidades de ação.

onde se dirigiam as nossas esperanças. As peripécias da viagem e este mar de trabalho, esta extensão de tarefas que parecia infinita, verificamos hoje como foi rápido vencê-los todos. Quatro anos somente são transcorridos desde o dia em que dormi aqui numa tenda, em plena solidão do Brasil, no sertão sem fim, vendo rondar o meu acampamento a ameaçadora presença de animais selvagens. Nestes quatro anos, com que febre vos atirastes ao trabalho! À vossa frente se punha esse capitão da Epopéia, esse incansável Israel Pinheiro, que abandonou o conforto, a posição política, para dedicar-se, de corpo e alma, ao que parecia uma aventura, ao que ontem constituía um risco, e hoje é um triunfo.

Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao planalto; vi como pegastes no trabalho; como vos animastes, homens à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para o nosso país. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Falais pouco, mas o suficiente, pois o sofrimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação.

Trabalhou-se aqui em três turnos, durante todas as horas do ciclo da terra em redor do sol. O nosso sol era a Cidade que íamos todos construindo, levantando, erguendo. Um sol já existe em nosso desejo e em nossa esperança; estava, porém, invisível quando aqui cheguei com uns poucos colaboradores, no dia dois de outubro de 1956, à grande planície vazia, onde só encontramos, como sinal de presença de homem civilizado, um cruzeiro que a Comissão Demarcadora de Fronteiras mandara erguer em sinal de sua passagem. Brasília começou nesse momento a delinear-se em nossos espíritos.

Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a Fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer. Viestes, alguns de Minas Gerais, outros de Estados limítrofes, a maioria do Nordeste. Caminhastes de qualquer maneira até aqui, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; porque vos contaram que uma estrela nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da bandeira da Pátria. Reconheço e proclamo, neste momento, que sois expressão da força propulsora do Brasil. Tinheis fome e sede de trabalho num país em que tudo estava e está ainda por fazer. Os que duvidaram desta vitória; os que nos procuraram impedir a ação; os que «e desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nós sustentavam eram mais fortes do que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam..

Ninguém vos subtrairá a glória de ter lutado nesta batalha tremenda. Não vos esqueceria jamais, trabalhadores brasileiros de todas as categorias, a quem me sinto indissolüvelmente ligado. Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do amor de nossas lidas, eis a cidade, que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta. Ei-la plantada no coração do Brasil, o seu lugar exato. Eis as estradas abertas permitindo que os brasileiros de todos os Estados da Federação, venham à sua Capital. Começamos a transportar a civilização para o interior. Brasília começou a crescer. O Brasil começou a crescer também, mais rapidamente, para recuperar o tempo perdido.

PISTA 2:

HINO DO DISTRITO FEDERAL:

[HTTPS://YOUTU.BE/BMPOXZ6EPIO](https://youtu.be/BMPOXZ6EPIO)

ATIVIDADE II

Após lerem o discurso de JK e escutarem o hino do DF, discutam entre si e respondam as seguintes questões:

1 - Nessa versão da história, como a capital é apresentada? listem as palavras usadas para descrever a nova cidade.

2 - Quais personagens aparecem?

3 - Que eventos são narrados? como?

EQUIPE 2

MULHERES NA CONSTRUÇÃO

PISTA 1:

UM MANIFESTO

MANIFESTO DAS PIONEIRAS

MULHERES PIONEIRAS

MARIA CLARA BAUMANN

Muito se tem escrito sobre Brasília, sobre os pioneiros, suas lutas e sacrifícios, mas, ao que me conste, até agora não foi localizada a situação da mulher (que, acompanhando o marido, está lançando as primeiras sementes da vida familiar na futura capital).

São em sua maioria senhoras vindas quase sempre do Rio, que trocaram o conforto do apartamento pela vida de acampamento. Poderiam ser divididas em duas categorias: as que, pensando exclusivamente na melhoria financeira que o marido está tendo se fantasiam de mártires e que seiam pela volta ao asfalto e aqueles que se empolgam pela obra e aqui querem ficar.

A vida em acampamento é uma das melhores escolas de como viver em comunidade; para viver bem é preciso que a mulher interfira o menos possível na atividade do marido e, por outro lado, evite criar problemas exigindo o que nos seus lugares de origem estariam longe de ter ("chapa-branca" à disposição, operários para servi-la, etc.).

É de justiça reconhecer que todas as instituições procuram dar o máximo de assistência às famílias dos respectivos funcionários alojando-as em confortáveis e bonitas casinhas de madeira, permitindo-lhes o uso de viaturas para compras na cidade e fornecendo-lhes condução regular para o transporte das crianças ao colégio. Nas cantinas, onde o convívio é alegre e esportivo, há projeções cinematográficas até 3 vezes por semana, tendo ainda quase todos os Institutos a sua quadra de volei, basquete e o indispensável time de futebol.

As senhoras que vêm em Brasília apenas uma comissão e mais nada satisfaz. Faltam-lhes a vitrine, o foguinho, a boite. Estas não se fixarão aqui.

As senhoras que vêm em Brasília apenas uma comissão e mais nada satisfaz. Faltam-lhes a vitrine, o foguinho, a boite. Estas não se fixarão aqui.

As que ficam são as que se empolgaram ao saltar do avião. Para estas o horizonte de 160.º com os mais lindos crepúsculos de que se tem notícia substitui os programas de TV; os filhos corados, vivendo ao ar livre, não sofrerão a falta da praia.

Elas têm desenvolvido o espírito de tolerância indispensável a quem se arvora em pioneiro. Porque lamuriar-se quando a poeira vermelha invade a casa da qual já se tirou o pó pela 10.ª vez? Ela sente que a rapidez ciclópica com que tudo acontece aqui nos permitirá em dias bem próximos ter todas as ruas asfaltadas e a poeira não será mais do que uma "vantagem" a contar quando relatarmos os primeiros dias de Brasília. Por que aborrecer-se com o barborinhe poeirento e deficiências da Cidade Livre se em breve teremos a cidade mais organizada do mundo? Por que ver no "candangão" um indivíduo sujo e ignorante se na realidade ele é a viga mestra de tudo que se faz aqui e quase sempre é um indivíduo puro de sentimentos, cheio de brasilidade, empenhado de corpo e alma na obra que é redenção político-econômica do sertão brasileiro.

Mulheres que assim pensam — e felizmente são maioria — enchem as horas alfabetizando adultos, ajudando as pioneiras ou — individual e anonimamente — descobrindo as necessidades dos "candangos" mais próximos e procurando supri-las.

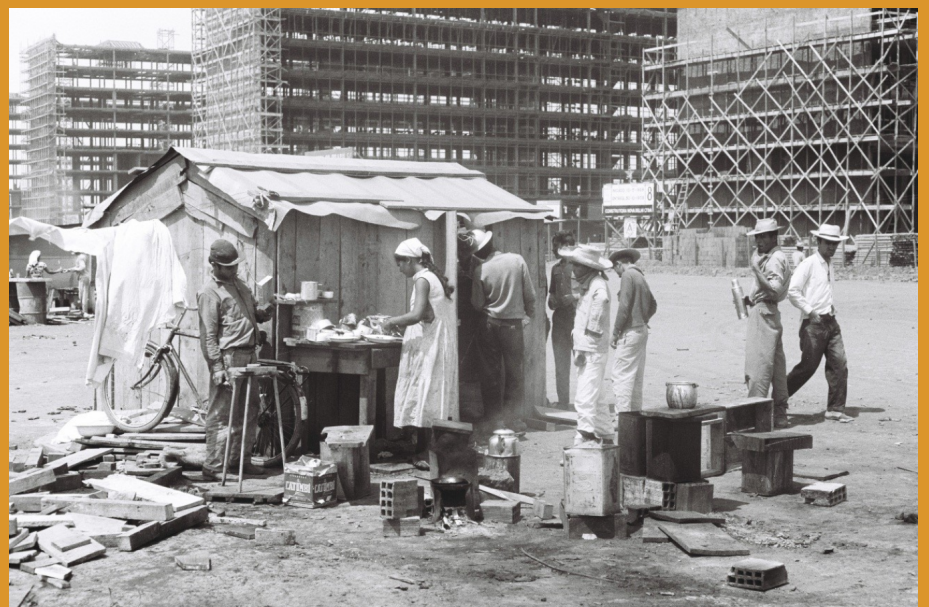
Essas mulheres querem construir Brasília. Querem construir uma sociedade limpa, onde não haja "curras", onde os filhos dos seus filhos compreendam amanhã, que no seu anonimato as mães que aqui estão agora, contribuíram com sua parcela de entusiasmo para um Brasil melhor que cumpra a sua finalidade de centro da sua finalidade de centro da civilização futura.

PISTA 2:

3 FOTOGRAFIAS



Escritório do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da NOVACAP.
Arquivo Público do DF



Canteiro de obra
Arquivo Público do DF



Mulheres e Crianças na Vila do IAPI.
Arquivo Público do DF

ATIVIDADE II

Após analisarem as imagens e o manifesto das pioneiras de Brasília respondam as seguintes questões:

- 1 - vocês já tinham ouvido falar de mulheres no período da construção de Brasília?
- 2 - Segundo as pistas, como essas mulheres participaram da história da construção? levantem hipóteses.
- 3 - Porque elas não aparecem na história mais conhecida sobre a capital?

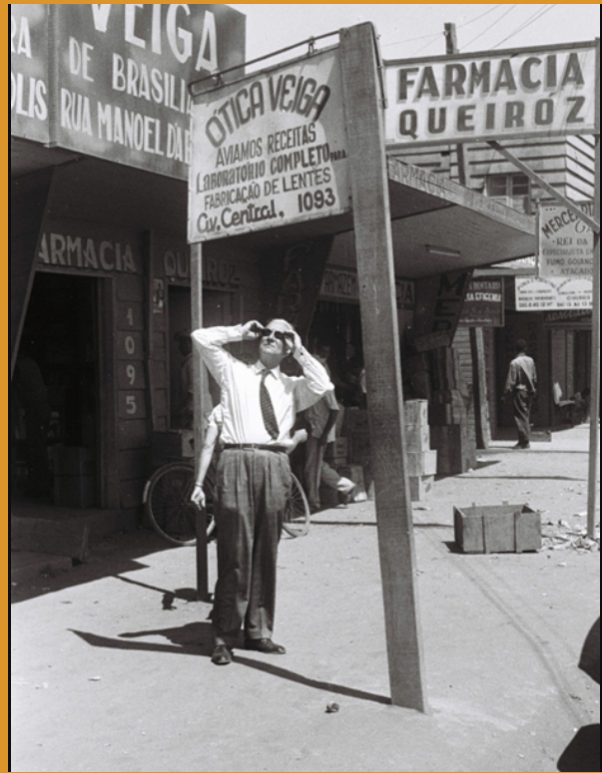
EQUIPE 3

PRA LÁ DO CANTEIRO DE
OBRA

PISTA 1:

3 FOTOGRAFIAS

COMÉRCIO DA CIDADE LIVRE



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



VISTA AÉREA DA CIDADE LIVRE

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal



HOSPITAL DO IAPI

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

PISTA 2:

RECORTES DE JORNAL

VILA DO IAPI: MUNDO DE MISÉRIAS ESQUECIDO PELOS PODÊRES PÚBLICOS

1

Vista da rodovia a Vila do IAPI parece irmã gêmea da Cidade Livre. As mesmas casas de madeira, toscas e coloridas, enfileiradas em ruas que nasceram umas retas outras tortas, e tortas e retas foram se cruzando, se emaranhando no mais caprichoso plano urbanístico traçado pela pobreza. Ali vivem trabalhadores e suas famílias, num total estimado em 3.000 almas penadas na angústia sem fim de tôdas as necessidades e de um destino ignorado.

2

Da aflição do desemprego o pior já passou: a maioria dos chefes de família e dos adultos voltou ao trabalho proporcionado pela execução dos planos traçados pelos representantes do governo, do Prefeito, e dos próprios trabalhadores, através do Sindicato. Mas, na Vila do IAPI, continua a faltar de tudo, SO' NÃO FALTA POLICIA E BRUTALIDADE

3

DAI VEIO A ASSOCIAÇÃO

Então, vendo que era preciso fazer alguma coisa, trabalhadores e comerciantes da Vila se reuniram, fizeram uma assembléia junto com o resto do povo e criaram uma Associação de Defesa dos Moradores da Vila do IAPI. Elegeram diretoria e fizeram um memorial para contar ao Prefeito Paulo de Tarso o que estava acontecendo, as necessidades que sofriam e o que precisavam: luz, água, ainda que em encanamentos de emergência, escola para os filhos, assistência para os doentes, médico para as criancinhas, saber para onde iriam quando tivesse que desaparecer aquêlê acampamento

Correio Braziliense, 21/04/1960, p.64

Núcleo bandeirante nasceu com Brasília: mas vai morrer

Inúmeros municípios do País, muitos centenários, não atingiram ainda o desenvolvimento que o Núcleo Bandeirante de Brasília, também chamado de **Cidade Livre**, alcançou em menos de um ano. Autêntica cidade, nascida da noite para o dia, com população e atividades bem maiores de que algumas capitais nordestinas, o Núcleo Bandeirante apesar de seu intenso e constante movimento é uma cidade que desaparece, rá dentro de pouco tempo.

Edificada à feição das cidades pioneiras do oeste americano, das quais apresenta muitas características e ambientação, o Núcleo Bandeirante é fruto, a um tempo,

da necessidade e da previsão. Afastada do Plano-Piloto de Brasília, pela necessidade de evitar que no sítio destinado à construção da Capital definitiva se construíssem aglomerações de moradias que não só perturbariam o desenvolvimento dos trabalhos, como criariam, mais tarde, graves problemas para a sua remoção, a Cidade Livre foi edificada a título precário.

E foi instalada porque se tornava imprescindível a existência de um centro de comércio que, em proporções justas, estivesse apto a atender às necessidades dos milhares de trabalhadores utilizados nas obras.

Nos primeiros dias dos serviços de Brasília foram recebidos de braços abertos os pioneiros que se aventuravam a montar uma tenda em paragens então ainda desprovidas de todas as condições de conforto, sem água, sem luz nem estradas adequadas.

Em breve, porém, a afluência se tornou tão grande que foi necessário adotar normas visando a impedir que a finalidade de criação do Núcleo fosse perturbada pela invasão de elementos marginais, desejosos de implantar ali o vício e a desordem.

As edificações do Núcleo são todas de maneira, para fins comerciais, com reduzidos cômodos para famílias. As licenças para construção das ca-

ATIVIDADE II

Após analisarem as imagens e os recortes de jornal respondam as seguintes questões:

- 1 - Vocês já conheciam a Cidade Livre ou a Vila do IAPI?
- 2 - Como esses outros cenários se relacionam com a construção da capital?
- 3 - Porque essas outras localidades geralmente não aparecem na história da construção? Levantem hipóteses.

O Núcleo Bandeirante chegou a ter uma população de quarenta mil pessoas com 20 hotéis, 10 agências bancárias (sendo a maior em todo o Estado de Goiás o seu movimento bancário), seis agências de companhias de aviação, numerosos restaurantes, açougues, padarias, escolas, consultórios médicos e dentários, barbearias, lojas de armários, farmácias, churrasarias, serrarias, alfaiarias, casas de autopeças, oficinas mecânicas, dois cinemas, bombas de gasolina, um grande mercado moderno, ateliers fotográficos. O Núcleo chegou a ter em pleno funcionamento mais de quinhentas casas comerciais.

O Núcleo Bandeirante foi uma etapa provisória na construção de Brasília. Com o seu desaparecimento, os que nele habitavam serão deslocados para as cidades-satélites de Taguatinga, Sobradinho e Saia Velha, passando a morar em casas modernas.

DF E AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS

Após repensar a história da construção, conhecendo outros personagens e cenários, nós convidamos vocês a repensar as histórias das diferentes localidades do DF. Como exemplo, elaboramos uma apresentação sobre o desenvolvimento das RAs ao longo do tempo, para que sirva de inspiração para a investigação das histórias de cada uma das Região Administrativa do DF.

Algumas dicas para pesquisar a história da sua localidade:

1) Entrevistas: converse com suas mais velhas e seus mais velhos, entreviste aquelas e aqueles que mora a mais tempo na sua localidade, investigando as histórias que elas e eles têm a contar sobre a formação dessa cidade.

2) Sites uteis:

- Hemeroteca Digital, onde você poderá encontrar jornais antigos e pesquisar informações sobre sua localidade. Link de acesso: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>
- Companhia de Planejamento do DF (CODEPLAN), onde estão disponíveis dados sobre a população de todas as RAs. Link de acesso: <https://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018/>
- Sistema de Normas Jurídicas do DF, onde é possível consultar o nome da sua RA nas publicações oficiais do DF, como o Diário Oficial e decretos governamentais. Link de acesso: <http://www.sinj.df.gov.br/sinj/>
- Arquivo Público do DF (ArPDF), no site do arquivo é possível conhecer um pouco do acervo que conta muitas histórias sobre o DF, sendo possível agendar visitas e consulta ao arquivo por email. Link de acesso: <https://www.arpdf.df.gov.br/>

A seguir apresentamos algumas pistas uteis para repensar a história do DF a partir da história do Recanto das Emas.

APRESENTAÇÃO DO CASO

O Distrito Federal é composto por 33 regiões administrativas diferentes, cada uma com suas próprias características e especificidades. Algumas são mais velhas como o Gama, Taguatinga e Ceilândia. Enquanto outras são bem mais novinhas como a Estrutural, Vicente Pires e o Itapoã. Independente de suas idades cada R.A. é importantíssima para a constituição do Distrito Federal, com uma história própria e uma população única. Por isso precisamos estudar e entender cada uma, e que tal começarmos pela Região onde moramos?

O Governo do Distrito Federal realiza regularmente, através da Codeplan, uma pesquisa distrital por amostra de domicílios, ou PDAD para encurtar, e investigar aspectos demográficos, migração, condições sociais e econômicas, situações de trabalho e renda, entre outras informações, de modo a oferecer um diagnóstico detalhado da situação atual da nossa cidade. E ao investigarmos esses dados temos uma visão mais apurada da realidade de nossas cidades, das localidades onde vivemos e das quais fazemos parte.

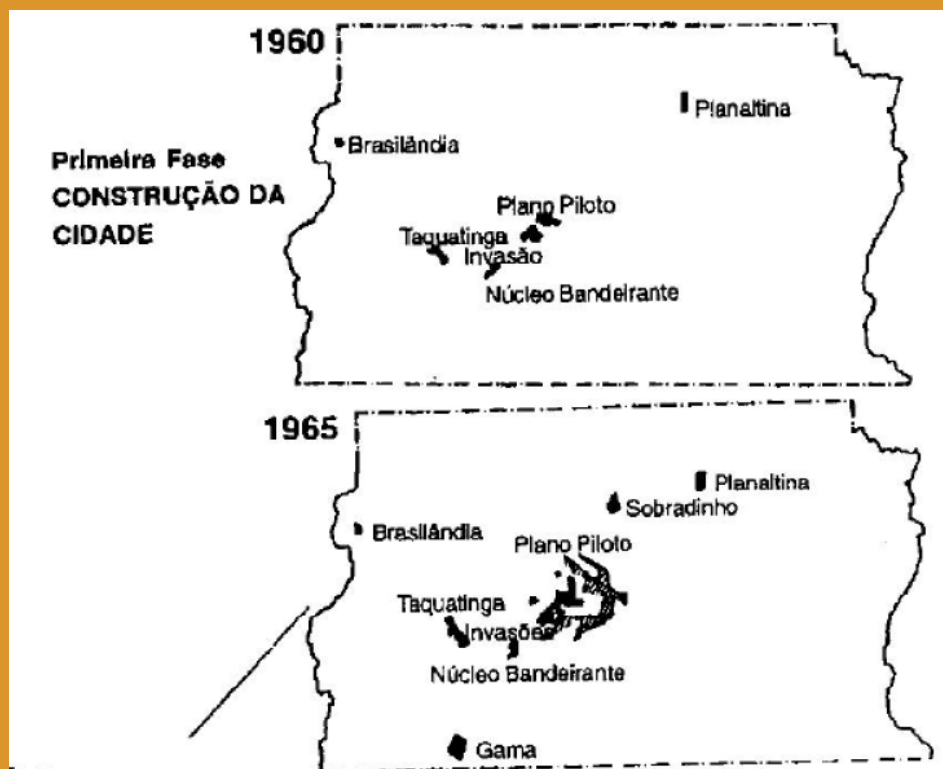
É possível encontrar os dados da sua cidade no site:

<https://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2018/>

Atividade:

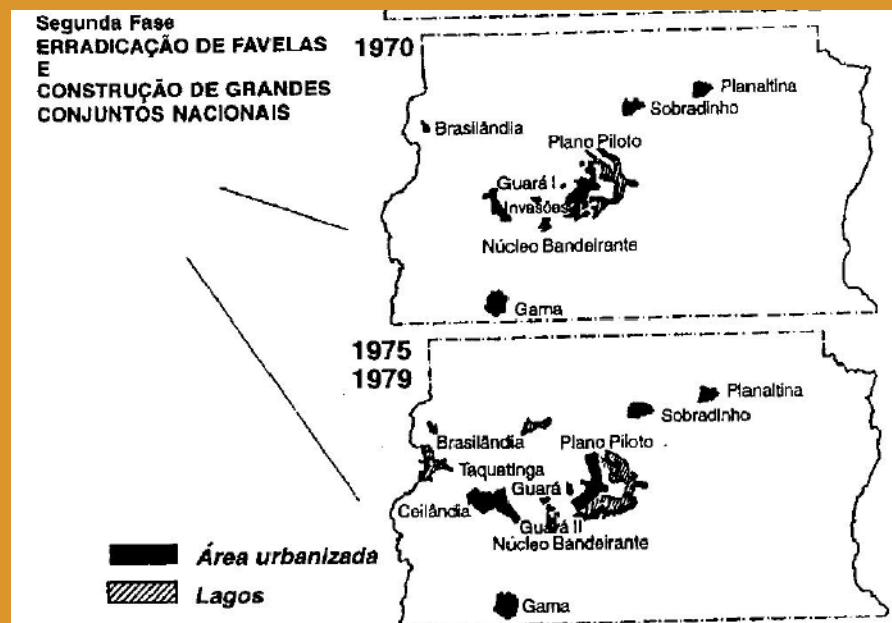
- Após achar a pesquisa de sua região, procure qual é a renda média de sua localidade. E a situação de trabalho?
- Em sua localidade, de que maneira as pessoas se autodeclararam em termos de raça? e de gênero?
- Em que ano surgiu a sua R.A.?

ABAIXO ALGUNS MAPAS QUE DEMONSTRAM A FORMA QUE AS R.A.S CRESCERAM NO DF.

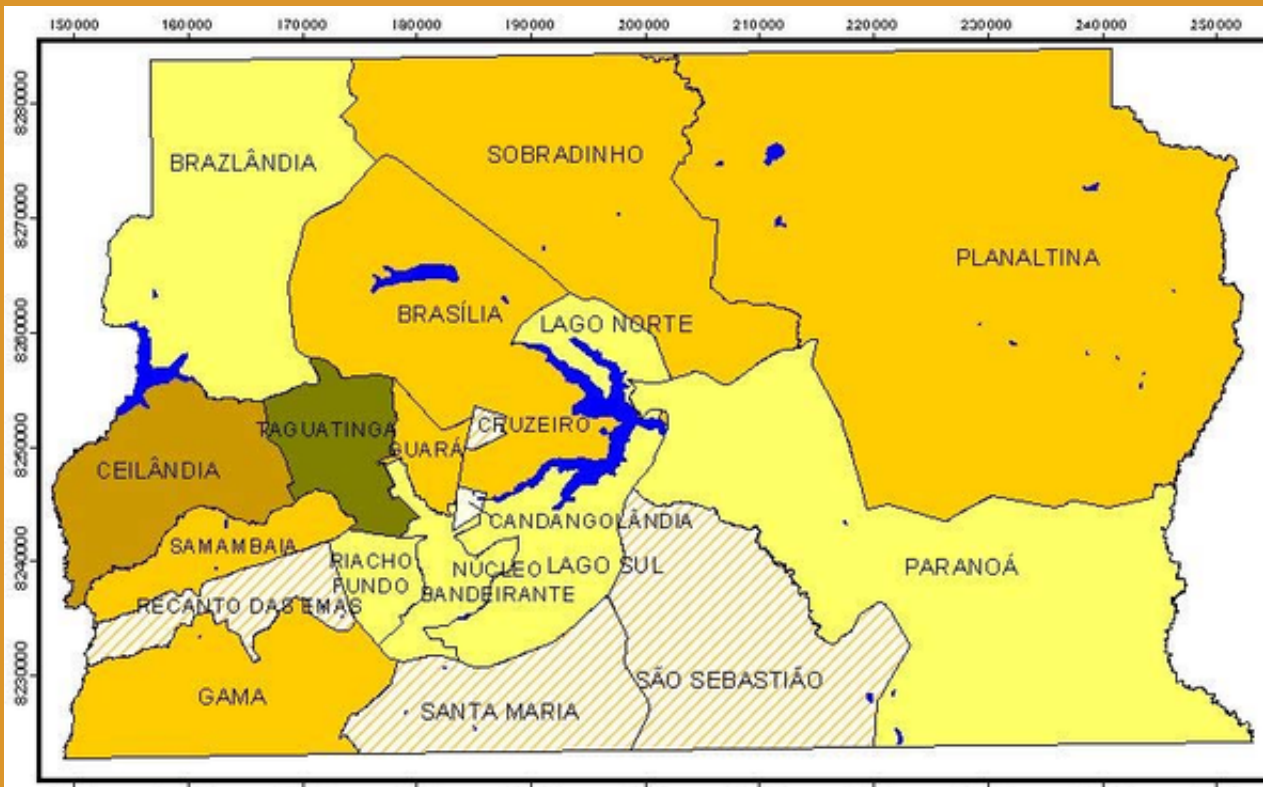


Ainda em 1960, as primeiras R.As. algumas até mais velhas que Brasília, como por exemplo Brazlândia e Planaltina

Nos anos 1970 com a erradicação de ocupações surge a construção de cidades mais afastadas, para abrigar os e as trabalhadoras da construção, como a Ceilândia. Este foi um processo que invalidava as lutas que aquelas populações tiveram para conquistar suas moradias, muitas das quais tinham abandonado suas vidas prévias e vindo atrás de oportunidades na cidade nova.



Fonte: Brasília, ideologia e realidade/espço urbano em questão, p. 52. Texto: Ignez Costa B. Ferreira.



Fonte: Vasconcelos, Ana et. al. (2006). Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o aglomerado urbano de Brasília.

Nos anos 2000, surgem mais RAs, muitas dessas criadas na Gestão Roriz, como Samambaia, Santa Maria e Recanto das Emas, através da política de distribuição de lotes. Uma medida populista, que atraiu a simpatia do povo para com o governador, apesar de já se ter provas de hoje em dia como essas políticas beneficiavam Roriz ilicitamente.



Fonte: Debora Menezes, 2019

MAPA DO DF ATUALMENTE

E A SUA CIDADE?

A história do DF vai muito além da construção da capital e do Plano Piloto. Cada Região Administrativa é muito única e tem suas próprias narrativas históricas e atuais. Compreender essas narrativas é fundamental para entendermos aonde nos situamos como sujeitos históricos e moldantes de nossas localidades.

Atividade

- Agora procure algum membro da família, ou algum conhecido, vizinho que já more na sua região a algum tempo e peça para realizar uma entrevista. Faça algumas perguntas:
- O nome, a profissão e a quanto tempo mora lá.
- Como era a cidade quando chegou?
- Quais os principais motivos de se mudar para lá?
- Conhece alguma história marcante? Algum personagem icônico da cidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política - Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em 05/11/2021

DISTRITO FEDERAL, Currículo em Movimento da Educação Básica, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), 2020. Disponível em: http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Curriculo-em-Movimento-do-Novo-Ensino-Medio_fev21.pdf. Acesso em 05/11/2021

PORTELA, Cristiane de Assis. "Fontes documentais de acervos escolares e o ensino de história do Distrito Federal: relato sobre o Centro de Memória (s) do Elefante Branco." (2020).